

## O discurso epistolográfico no *De officiis* de Cícero<sup>1</sup>

Mafalda Frade<sup>2</sup>

Recibido: 29 de marzo de 2017 / Aceptado: 20 de septiembre de 2017

**Resumo.** A obra ciceroniana é conhecida não só pelos tratados políticos que o orador romano escreveu, mas também pela sua vasta correspondência informal. Porém, Cícero nem sempre estabelece uma fronteira nítida entre os tipos de texto que cria, misturando por vezes estratégias retórico-discursivas de diversos géneros numa mesma obra. É o que sucede no tratado *De officiis*, em que Cícero expõe o seu pensamento acerca da conduta a observar por um estadista e que tem por destinatário o filho, como se de uma longa carta se tratasse. Neste estudo, estabeleceremos um confronto entre as características epistolográficas típicas das cartas ciceronianas e alguns mecanismos linguístico-textuais próprios do texto epistolar que estão presentes no *De officiis*, tendo por objetivo compreender até que ponto o orador mistura regras discursivas da oratória com regras próprias da epistolografia, elaborando uma obra que, sendo um tratado filosófico, apresenta as mesmas marcas de interação epistolar que se encontram nas suas cartas.

**Palavras-chave:** *De officiis*; Cícero; epistolografia.

### [en] The epistolographic discourse in Cicero's *De officiis*

**Abstract.** Cicero, as a writer, is known not only for the political treatises he wrote, but also for his vast informal correspondence. However, Cicero doesn't always establish a clear boundary between the types of text he creates: sometimes he mixes rhetorical-discursive procedures of different genres in the same work. This is what seems to happen in his philosophical-political treatise *De officiis*. Here, Cicero exposes his thoughts on the duties and conduct to be observed by a statesman, and elaborates the text as a long letter addressed to his son. In this investigation, we will establish a comparison between the epistolographic characteristics of the Ciceronian letters and some typical linguistic-textual mechanisms of the epistolary text that are present in the *De officiis*, in order to understand at to what extent the orator mixes discursive oratory rules with epistolographic rules and if he actually writes a work that, being a philosophical treaty, presents the same marks of epistolary interaction that appear in his letters.

**Keywords:** *De officiis*; Cicero; epistolography

**Sumário.** 1. Introdução. 2. Relação com o destinatário: estratégias de delicadeza e pacto epistolar. 3. Características epistolográficas no *De officiis*. 3.1 Abertura da obra. 3.2 Corpo do texto. 3.3 Fecho da obra. 4. Conclusão. 5. Referências bibliográficas.

**Cómo citar:** Frade, M., «O discurso epistolográfico no *De officiis* de Cícero», *Cuad. Filol. Clás. Estud. Lat.* 37.2 (2017), 197-217.

<sup>1</sup> Fundação para a Ciência e Tecnologia – Portugal (SFRH/BPD/47528/2008).

<sup>2</sup> Universidade Nova de Lisboa; Universidade de Aveiro.  
mfrade@campus.ua.pt

## 1. Introdução

A correspondência de Cícero, cujo valor é hoje claro<sup>3</sup>, tem sido objeto de vários estudos, sendo analisada de diferentes modos. Mas não é só neste *corpus* que Cícero utiliza o género epistolográfico. De facto, há outras obras do Arpinate em que também são usados procedimentos retórico-discursivos próprios do género epistolar. É o caso, por exemplo de obras como *Orator* ou *Tusculanae* e ainda do tratado filosófico-político *De officiis*, dirigido ao filho do orador como se de uma longa carta se tratasse. Nesta obra, misturam-se regras da retórica deliberativa<sup>4</sup> com outras próprias da epistolografia (a abertura, desenvolvimento oratório e conclusão da carta apresentam similitudes com a estrutura do discurso oratório na sua divisão quadripartida: prómio, narração, argumentação e epílogo), criando-se um texto em que encontramos uma série de mecanismos linguístico-textuais que, presentes num tratado filosófico, remetem para o género epistolar, como veremos, numa junção que não era estranha na Antiguidade<sup>5</sup>, ainda que não existissem muitos textos que discorressem sobre este género<sup>6</sup>.

Assim sendo, numa perspetiva pragmática, estudámos diferentes manifestações linguísticas próprias do texto epistolar que perpassam pelo tratado, procurando, a nível pragmático-discursivo, comparar as marcas de interação epistolar presentes na obra com as características do género epistolar que se encontram nas cartas do orador.

Na nossa investigação, baseamo-nos em estudos de pragmática linguística, com particular destaque para o modelo linguístico de análise do texto epistolar de Adam (1998, 1996, 1992), a teoria da delicadeza de Brown e Levinson (1987) e a conceção da epistolaridade de Altman (1982), destacando-se ainda as teorias nos âmbitos epistolográfico e semântico-pragmático de Violi (1985), Seara (2008), Leech (1999), Wood/Kroger (1991), Zwicky (1974) e Lyons (1977). Já no âmbito das características da epistolografia ciceroniana, seguimos de perto as análises efetuadas por Garcea (2002), Giorgio (2015) e sobretudo Muñoz Martín (1994).

## 2. Relação com o destinatário: estratégias de delicadeza e pacto epistolar

O tratado ciceroniano insere-se naquilo a que Adam chama ‘*littérature épistolaire*’, onde se incluem obras latinas como as cartas fictícias de Varrão e outros escritos com temáticas ligadas à ciência, à filosofia ou à política. Segundo este investigador (1998, 51), estas obras

miment la correspondance authentique (...), permettant de varier, à la fois, les points de vue et la composition par l’insertion de descriptions, de narrations, de dialogues, de discours direct adressé au destinataire. La liberté de composition est

<sup>3</sup> Cugusi 1983, 161-164.

<sup>4</sup> Lausberg 2004, 83-84; Kempshall 2011, 231.

<sup>5</sup> «There was a well-established ancient literary tradition of treating philosophy in an epistolary format, beginning at least with Epicurus and projected back onto Plato and Aristotle through the corresponding pseudoepigraphic letters ascribed to them» (Gibson/Morrison 2007, 9). Cugusi (1989, 382, 395) reflete também sobre a influência da retórica no género epistolar.

<sup>6</sup> Cugusi 1983, 27-43. Cícero é um dos autores que analisa as características deste género (Cugusi 19, 165-166).

l'explication principale de la fortune du genre. Les facilités de mise en scène d'une intersubjectivité canalisée par le cadre très formel de l'énonciation épistolaire, évite la complexité des romans polyphoniques modernes et de la narration éclatée.

Neste âmbito, poderemos questionar qual a razão por que Cícero mimetiza uma carta dirigida ao filho ao escrever um tratado político-filosófico.

Segundo o próprio Cícero, não haveria melhor assunto para partilhar com um filho que questões filosóficas relacionadas com o dever (*Att.* 15.13.6)<sup>7</sup>. Assim, entende por bem aconselhá-lo num tratado elaborado como uma carta, revelando uma conduta paternal evitada de estratégias de delicadeza (Brown/Levinson 1987) através das quais tenta influenciar a conduta do filho. Neste âmbito, procura, logo no início da obra, apresentar razões válidas (Brown/Levinson 1987, 128) para lhe demonstrar que ele terá vantagem em juntar os escritos do pai aos ensinamentos filosóficos que lhe estão a ser ministrados em Atenas:

Quam ob rem disces tu quidem a principe huius aetatis philosophorum et disces quam diu uoles; tam diu autem uelle debebis, quoad te quantum proficias non paenitebit. Sed tamen nostra legens non multum a Peripateticis dissidentia, quoniam utriusque Socratici et Platonici uolumus esse, de rebus ipsis utere tuo iudicio (nihil enim impedit) orationem autem Latinam efficies profecto legendis nostris plenior. Nec uero hoc arroganter dictum existimari uelim. Nam philosophandi scientiam concedens multis, quod est oratoris proprium, apte, distincte, ornate dicere, quoniam in eo studio aetatem consumpsi, si id mihi assumo, uideor id meo iure quodam modo uindicare. Quam ob rem magnopere te hortor, mi Cicero, ut non solum orationes meas, sed hos etiam de philosophia libros, qui iam illis fere se aequarunt, studiose legas; uis enim maior in illis dicendi, sed hoc quoque colendum est aequabile et temperatum orationis genus. (1.1.2-3)

No fim da obra, esta é apresentada como uma oferta valiosa<sup>8</sup> que demanda, por isso mesmo, uma leitura dedicada:

Habes a patre munus, Marce fili, mea quidem sententia magnum, sed perinde erit, ut acceperis. Quamquam hi tibi tres libri inter Cratippi commentarios tamquam hospites erunt recipiendi, sed, ut, si ipse uenisset Athenas, quod quidem esset factum, nisi me e medio cursu clara uoce patria reuocasset, aliquando me quoque audires, sic, quoniam his uoluminibus ad te profecta uox est mea, tribues iis temporis, quantum poteris, poteris autem quantum uoles. (...) Vale igitur, mi Cicero, sed multo forcariorem, si talibus monumentis praeceptisque laetabere. (3.33.121)

Estabelece-se, assim, aqui, aquilo que Altman chama 'the epistolary pact'<sup>9</sup>: o texto epistolar exige reciprocidade, ainda que a resposta possa não ser escrita. Neste

<sup>7</sup> «We must remember that at the time of the writing of *De Officiis*, Marcus Minor was a 21-year-old, and (...) to remind him of the larger community and his obligations to it were essential points» (Husband 2013, 5).

<sup>8</sup> Nova estratégia de delicadeza, que implica a oferta de um presente para promover a cooperação do coenunciador (Brown/Levinson 1987, 129).

<sup>9</sup> «In epistolary writing the reader is called upon to respond as a writer and to contribute as such to the narrative (...). To a great extent, this is the epistolary pact — the call for response from a specific reader within the correspondent's world» (Altman 1982, 89).

caso, a linguagem envolve novas estratégias de delicadeza ao veicular a expectativa de uma resposta comportamental<sup>10</sup> e a promessa de uma relação familiar afetiva mais forte<sup>11</sup>: o orador procura contribuir para a aprendizagem mais efetiva do filho, esperando que a reflexão que lhe oferece lhe sirva de guia para o comportamento futuro a assumir e afirma que o comportamento do seu descendente pode contribuir para o aumento do seu amor paternal. Note-se que, neste âmbito, procura minimizar a imposição feita<sup>12</sup>: apesar da expectativa que revela, dá alguma liberdade ao filho para retirar as conclusões que entender acerca do que lê – *de rebus ipsis utere tuo iudicio (nihil enim impedito)* – e despende o tempo que quiser na leitura – *quantum uoles*.

No terceiro livro do tratado, a vontade do orador de ver o filho assumir uma conduta consentânea com a tradição familiar, emulando o exemplo paterno, torna-se explícita, revelando o orador preocupação para com a reputação do seu descendente<sup>13</sup>:

Quod cum omnibus est faciendum, qui uitam honestam ingredi cogitant, tum haud scio an nemini potius quam tibi. Sustines enim non paruam expectationem imitandae industriae nostrae, magnam honorum, non nullam fortasse nominis. Suscepisti onus praeterea graue et Athenarum et Cratippi; ad quos cum tamquam ad mercaturam bonarum artium sis profectus, inanem redire turpissimum est dedecorantem et urbis auctoritatem et magistri. Quare quantum coniti animo potes, quantum labore contendere, si discendi labor est potius quam uoluptas, tantum fac ut efficias neue committas, ut, cum omnia suppeditata sint a nobis, tute tibi defuisse uideare (3.2.6)

Tudo isto permite perceber que a definição de um destinatário com quem Cícero partilha laços de sangue e para com quem utiliza estratégias de delicadeza muito usadas a nível epistolar e que revelam familiaridade e afeto (Brown/Levinson 1987, 117 ss., 129) permite ao Arpinate introduzir intimidade no texto, implicitamente estabelecendo que o texto veicula conselhos para um filho amado<sup>14</sup>. Isto torna óbvia a importância da escolha deste coenunciador: ao eleger o filho, Cícero incute nos leitores a ideia de que se está perante um conjunto de preceitos cuja validade é evidente (que pai não quer o melhor para o seu filho?). E com isto pode atingir outros possíveis destinatários dos seus preceitos, que identifica no texto – *Quod cum omnibus est faciendum, qui uitam honestam ingredi cogitant* (3.2.6) – e entre os quais estará Octávio, futuro imperador Augusto, parecendo assim ter um objetivo ulterior na atitude paternalista que assume (Testard 1974, 24; Husband 2013, 1): numa época de convulsão política, o orador podia, através deste tratado escrito em tom paternal, influenciar a jovem geração política que se preparava para ascender ao poder:

<sup>10</sup> «Perhaps the most valuable message to emerge from *De Officiis* rests in the fact that a person in his or her twenties could never be expected to have accumulated the understanding, the learning and the experiences of an accomplished person in his or her sixties. And so Cicero is functioning in the role of substitute in freely offering to Marcus Minor and subsequent young readers the richness of his understanding, learning and experiences. What is implied and not to be missed in *De Officiis* is the pedagogical imperative, i.e., that the older person is obligated to offer such advice and that the younger person is obligated to try to understand and grow from it» (Husband 2013, 6).

<sup>11</sup> A expectativa de resposta e o uso de promessas são estratégias de delicadeza (Brown/Levinson 1987, 125, 129).

<sup>12</sup> Nova estratégia de delicadeza, ligada a uma atitude de não imposição (Brown/Levinson 1987, 176-177).

<sup>13</sup> Cícero demonstra preocupação em atender aos interesses e necessidades do filho, estratégia de delicadeza através da qual procura levá-lo a compreender a importância de se esforçar e de utilizar os escritos de seu pai para ser bem-sucedido (Brown/Levinson 1987, 103).

<sup>14</sup> «In *De Officiis*, (...) he offered Marcus Minor his best thoughts and beliefs» (Husband 2013, 2).

In Cicero's vast body of work, *De Officiis* was something of an afterthought that stemmed from Marcus Minor's unsettled outlook and reckless behavior at Athens and from the fact that Cicero, as a father, could not travel to Greece to head off some of that wildness. Political events at Rome demanded that Cicero remain in the capital. Nonetheless, *De Officiis* became interpreted not as an afterthought to Cicero's legacy but as an essential text for developing new leaders as part of his plan for the overall revitalization of Rome. (Husband 2013, 4)<sup>15</sup>

### 3. Características epistolográficas no *De officiis*

O discurso epistolar, a nível pragmático-textual, tem origem numa macrounidade – o diálogo (Adam 1998, 41) –, que podemos descrever como uma situação de comunicação frente a frente que apresenta características definidas, como refere Lyons (1977, 637):

the canonical situation of utterance (...) involves one-one or one-many, signalling in the phonic medium along the vocal-auditory channel, with all the participants present in the same actual situation able to see one another and to perceive the associated non-vocal paralinguistic features of their utterances, and each assuming the role of sender and receiver in turn.

O discurso epistolar partilha algumas destas características, pois simula uma conversa, manifestando traços típicos do diálogo *in praesentia* (Garcea 2002, 124) quando, na realidade, os interlocutores se encontram numa situação de enunciação *in absentia*<sup>16</sup>. De facto, uma carta assemelha-se a uma conversa com um coenunciador ausente em que a escrita é a ferramenta que permite a comunicação. Assim sendo, filia-se tanto em práticas discursivas orais como escritas (Adam 1998, 39).

Em termos escritos, Adam (1998, 42) retoma princípios da tradição retórica<sup>17</sup> clássica e medieval ao considerar que a carta geralmente possui uma estrutura composicional que se baseia num plano específico que envolve três estádios (a) que podem subdividir-se em cinco conjuntos (b). Já numa perspetiva pragmática e textual, o autor considera que a forma epistolar assume a organização do texto dialogal, que

<sup>15</sup> Segundo Roberts III 2006, 8, «thoroughly aristocratic, *On Duties* is not directed to the common man. (...) On the contrary, Cicero's work is directed to the man whose circle of care extends well beyond himself, to the man of many dependents, to the man of great responsibilities. Written and read as the text-book of noblesse oblige, a rock of ethical instruction for men of influence and power, it was and remains a pointed guide to the ethical management of power». Ver Walsh 2000, xxvii.

<sup>16</sup> «Since the present of the letter writer is never the present of his addressee, epistolary discourse is caught up in the impossibility of a dialogue in the present. That is, "I feel" cannot be interpreted by the addressee as "you feel" but rather as "you felt when you wrote this letter"» (Altman 1982, 129).

<sup>17</sup> «La confluencia de intereses entre el arte de escribir cartas y la retórica es muy lógica. (...) No es mera casualidad que aparezcan como epistológrafos en la literatura romana predominantemente oradores nativos: Cicerón, Séneca el Filósofo, Plinio el Joven, Frontón, Simmaco, etc. En manos de autores como los que acabamos de mencionar, la teoría retórica y la práctica epistolar actúan una sobre la otra. La teoría retórica aporta principios y modelos y a la par alcanza al ejercicio epistolar porque formula sus teorías y sus dictados» (Antón 1996, 106).

envolve sequências fáticas no início e fim e sequências transacionais a nível do corpo da interação (c)<sup>18</sup>:

a	Exordium		Narratio		Conclusio
b	<i>Salutatio</i>	<i>Captatio benevolentiae</i>	<i>Narratio</i>	<i>Petitio</i>	<i>Conclusio</i>
c	Sequências fáticas		Sequências transacionais		Sequências fáticas

Partindo desta visão, Adam considera que o plano básico de uma forma epistolar é constituído por cinco partes, sendo a segunda e quarta facultativas (já que se revelam zonas discursivas de transição, ao procederem à introdução e recapitulação do que é dito):

abertura	exórdio	corpo da carta	peroração	fecho
(saudação inicial, data e local)	(captação da atenção do destinatário e introdução do tema)	(desenvolvimento do tema com sequências descritivas, narrativas, argumentativas e explicativas/justificativas, como no diálogo — Adam, 1992)	(recapitulação do assunto e preparação de futuras interações com o destinatário da epístola)	(fórmula de despedida e assinatura)

No tratado ciceroniano, é possível estabelecer esta divisão pragmática, ainda que exista algum entrecruzamento a nível das estratégias usadas pelo autor. De facto, ocorrências consideradas típicas de uma determinada secção das cartas de Cícero<sup>19</sup> encontram aqui expressão em outros lados. Para isto influi não só o tamanho do texto (que o torna suscetível à repetição de estratégias que, em cartas mais pequenas, encontravam expressão em apenas um ou dois lugares), mas também o facto de o tratado não ser uma carta *stricto sensu*, concedendo mais liberdade ao seu autor. Neste âmbito, a análise ao tratado observará características epistolográficas típicas dos escritos de Cícero no seu geral, ainda que haja remissão para a divisão operada por Adam sempre que tal se revele produtivo.

### 3.1 Abertura da obra

Característica típica das epístolas é a nomeação inicial do destinatário, através do uso do seu nome, a que se segue o nome do remetente, tornando-os presentes (Garcea 2002, 130). Contudo, este tratado não possui uma saudação inicial consentânea com os atributos das missivas latinas, cujo início, por norma, implicava a identificação do enunciador e coenunciador e uma saudação por meio de típicas fórmulas iniciais (como *aliquis alicui salutem dicit* ou *salutem plurimam dicit*, frequentemente abreviadas para *s.d.* ou *s.p.d.*, por exemplo)<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> Adam 1996, 37. Segundo este autor (1992, 154-163), no texto dialogal as sequências de abertura e fecho são bastante ritualizadas e mais estruturadas que o corpo da interação.

<sup>19</sup> Muñoz Martín (1994, 33-34) identifica profundamente características específicas das partes que compõem as cartas ciceronianas, mas assume que nem sempre aquelas são exclusivas das secções em que as inclui.

<sup>20</sup> «The full salutation, also called prescript or protocol, of a Latin letter has three parts: the *intitulatio* (the sender's name, with his attributes, if any), the *inscriptio* (the name of the addressee, with his attributes), and the *salutatio*,



Neste âmbito, o texto em estudo não é marcado de modo claro por qualquer estrutura formular inicial de saudação<sup>21</sup>, tendo início com o exórdio, que se estende desde 1.1 até 1.2.6 e encontra paralelo na introdução dos livros seguintes — 2.1-2.2.8 e 3.1-3.2.6 (pelo que também serão referenciadas ocorrências destes livros) —, como se Cícero sentisse necessidade, na passagem de um livro para outro, de fazer nova introdução epistolar.

Iniciando-se o tratado com o exórdio, é aqui que surgem características que podemos relacionar com a típica abertura das cartas ciceronianas, já que, como no início destas, nele surgem mecanismos referenciais de pessoa, tempo e espaço<sup>22</sup> (que esclarecem o contexto situacional, aludindo à separação física e funcionando como ponto de referência para a situação comunicativa<sup>23</sup>), a captação da atenção do destinatário e a introdução do tema referidas por Adam (e que Muñoz Martín associa à definição do tema a tratar, através do uso do sintagma *de* + ablativo) e exortações e expressões de afeto<sup>24</sup>. Note-se, contudo, que alguns destes mecanismos surgem também no corpo do texto ou nas secções finais do tratado (ao contrário do apresentado como típico por Muñoz Martín), funcionando como elementos de conexão entre as diferentes partes do discurso.

A nível da localização espaço-temporal, sabemos que uma das características da carta é ser a expressão de um sujeito enunciador que utiliza a escrita para comunicar com um destinatário ausente do tempo e espaço da enunciação. Esta é uma característica marcante deste tratado: Cícero elabora um aparente diálogo diferido<sup>25</sup>, próprio da epistolografia, em que a situação enunciativa está marcada pela separação entre enunciador e coenunciador (estando este último ausente do

---

the initial greeting» (Lanham 2004, 7). Ver Trapp 2003, 34-36. Logo após este início, era frequente a presença de fórmulas em que se fazia votos pela saúde do destinatário, como – *Si uales bene est, ego quidem ualeo* (s. v.b.e.e.q.v.). Ver também Cugusi 1983, 47-48 e Scarpat 1987, 478-479.

<sup>21</sup> Segundo Lanham (2004, 8, 17), as *salutationes*, nas cartas ciceronianas, eram por norma reduzidas ao mínimo, apresentando-se vastas vezes sob a forma de um simples ‘s.’.

<sup>22</sup> «O discurso epistolar exhibe constantemente a sua própria situação de enunciação através de referências explícitas às categorias de pessoa, tempo e lugar» (Seara 2008: 124). Ver Muñoz Martín 1994, 27-28.

<sup>23</sup> «The *I* of epistolary discourse always situates himself vis-à-vis another; his locus, his “address”, is always relative to that of his addressee. To write a letter is to map one’s coordinates—temporal, spatial, emotional, intellectual—in order to tell someone else where one is located at a particular time and how far one has traveled since the last writing. Reference points on that map are particular to the shared world of writer and addressee: underlying the epistolary dialogue are common memories and often common experiences that take place between the letters» (Altman 1982, 119). Ver também Violi 1985, 155-156.

<sup>24</sup> «En primer lugar, los manuales establecen como finalidad básica de esta parte del discurso el *attentum, docilem, beneuolum parare*. Un medio para mantener atento y receptivo al destinatario es anunciar brevemente el asunto del que se tratará en la carta, o al menos las cuestiones más importantes, y a este fin obedece indudablemente todo tipo de expresiones declarativas (...) y la utilización concreta del sintagma *de* + ablativo. (...) La eventual presencia de ruegos y exhortaciones al comienzo del cuerpo responde también al uso de los afectos (...). Las comunes alusiones en la apertura a la primera y segunda personas corresponden a la utilización de los *loci a nostra* y *ab auditorum persona*, acompañada frecuentemente de un desarrollo de tópicos amistosos (alegría por la recepción de la carta, expresiones de cumplimento, deseo de la presencia), que pretende conseguir la benevolencia del destinatario mediante un tratamiento elogioso, especialmente uniendo su elogio (...) a la satisfacción del interés propio, y el interés de aquél al del emisor» (Muñoz Martín 1994, 30-31). Vejam-se também Garcea 2002, 130-131.

<sup>25</sup> «No discurso epistolar tradicional existe, *ab initio*, uma disjunção pragmática que constitui a base da definição do conceito. Esta disjunção entre a distância, num plano espacial, que se mede, que se aspectualiza e que corresponde ao afastamento físico, real e efetivo entre os correspondentes e a distância num eixo temporal, retomando aqui a definição canónica de comunicação diferida» (Seara 2008, 124).

momento e local do enunciação), ainda que o orador simule a partilha do contexto de enunciação.

Como sucede geralmente nas suas cartas, Cícero localiza no início a situação enunciativa no espaço e tempo. Dada a ausência das fórmulas iniciais, é neste momento também que identifica o coenunciador – o seu filho –, localizando-o no plano espacial e temporal (encontra-se em Atenas há um ano): *Quamquam te, Marce fili, annum iam audientem Cratippum idque Athenis* (1.1.1)

Note-se que a referência espacial se liga ao coenunciador, não havendo menção direta ao local onde se encontra o sujeito do enunciação. Assim, é pela focalização no coenunciador (Violi 1985, 155) que sabemos da disjunção espacial existente entre os dois sujeitos. Esta disjunção surge também no início do livro terceiro, onde o verbo de movimento *proficiscor* contribui para a reforçar: *Suscepisti onus praeterea graue et Athenarum et Cratippi; ad quos cum tamquam ad mercaturam bonarum artium sis profectus* (3.2.6)

Em termos temporais, o enunciador coloca-se no presente da situação enunciativa, marcando-a com recurso a formas verbais no presente (Altman 1982, 117-118) ou a marcadores como o advérbio *iam* ou expressões com valor temporal como *hoc tempore*, que surgem também em outros livros:

- presente:
  - Quamquam te, Marce fili, (...) abundare oportet praeceptis institutisque philosophiae propter summam et doctoris auctoritatem et urbis, quorum alter te scientia augere potest (1.1.1)
  - satis explicatum arbitror libro superiore (2.1.1)
  - sed si minus imitatione tantam ingenii praestantiam consequi possumus, uoluntate certe proxime accedimus (3.1.1)
- *iam*
  - Quamquam te, Marce fili, annum iam audientem Cratippum (1.1.1)
  - qui iam illis fere se aequarunt (1.1.3)
  - Sed iam ad instituta pergamus. (2.2.8)
- *hoc tempore*
  - Sed cum statuissem scribere ad te aliquid hoc tempore ... (1.2.4)
  - Sequemur igitur hoc quidem tempore (1.2.6)
  - Hoc autem tempore tantum nobis declarandum fuit (2.2.6)
  - hoc ipso tempore praecepta officii persequamur (2.2.7)

Com o uso destas estratégias, o orador coloca a situação enunciativa no presente, simulando um diálogo *in praesentia* centrado no tempo da enunciação que anula, assim, a distância temporal entre enunciador e coenunciador<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> «Time deixis makes ultimate reference to participant-role. Thus, as a first approximation (...), *now* can be glossed as “the time at which the speaker is producing the utterance containing *now*”. It is important to distinguish the moment of utterance (or inscription) or *coding time* (CT) from the moment of reception or *receiving time* (RT). As we noted, in the canonical situation of utterance, with the assumption of the unmarked deictic centre, RT can be assumed to be identical to CT (Lyons (1977a: 685) calls this assumption deictic simultaneity). Complexities arise in the usage of tense, time adverbs and other time-deictic morphemes wherever there is a departure from this assumption, e.g. in letter writing, or the pre-recording of media programmes. In that event,



Não deixa, porém, de se referir, quando necessário, a tempos diferentes do da situação enunciativa. É o que sucede quando alude a comunicações escritas prévias, mostrando que esta obra não é o primeiro escrito enviado a seu filho<sup>27</sup>: *Sed haec hactenus; multa enim saepe ad te cohortandi gratia scripsimus* (3.2.6).

A ilusão de copresença e diálogo é criada através de outras estratégias discursivas que se repetem em locais diferentes e em que se dá a interpelação direta de um interlocutor aparentemente presente com quem se estabelece uma relação única (Garcea 2002, 126-129; Giorgio 2015; Altman 1982, 117). Estas estratégias englobam referências diretas ao coenunciador e o uso do vocativo, típico das práticas discursivas orais<sup>28</sup> (Dyck 1996, 60-61; Leech 1999, 108):

- interpelação direta do coenunciador,
  - utilizando a segunda pessoa do pronome pessoal:
    - Quamquam te, Marce fili (1.1.1);
    - idem tibi censeo faciendum (1.1.1);
    - Quam ob rem disces tu (1.1.2);
    - Tibi autem, mi Cicero (2.2.8);
    - haec te assidue audire atque accipere confido (3.2.5);
    - an nemini potius quam tibi (3.2.6);
    - multa enim saepe ad te cohortandi gratia scripsimus (3.2.6);
  - usando formas do possessivo:
    - de rebus ipsis utere tuo iudicio (1.1.2);
    - quod et aetati tuae esset aptissimum (1.2.4);
    - tamen conducere arbitrator talibus aures tuas uocibus (3.2.5);
    - finitima uestris<sup>29</sup> (2.2.8);
  - utilizando a segunda pessoa de formas verbais:
    - Quam ob rem disces tu quidem a principe huius aetatis philosophorum et disces quam diu uoles; tam diu autem uelle debebis, quoad te quantum proficias non paenitebit (1.1.2);
    - si interpretari uelis (2.2.5);
    - cum ab hoc discendi genere discesseris? (2.2.6);
    - Sustines enim non paruam expectationem imitandae industriae nostrae (3.2.6);

---

a decision has to be made about whether the deictic centre will remain on the speaker or CT (...) or will be projected on the addressee and RT» (Levinson 1983, 73).

<sup>27</sup> A referência a comunicações prévias é um elemento típico da abertura da carta ciceroniana (Muñoz Martín 1994, 14-16) que, não existindo no início da obra, se encontra presente na abertura do livro terceiro.

<sup>28</sup> Note-se, contudo, e como assinala Sykutris (1931, 187), que na Antiguidade, o vocativo nem sempre estava presente no género epistolar: é o que sucede, por exemplo, numa carta de Isócrates (*ad Phillipum*), em que o vocativo não está presente, ao passo que no discurso *Philippus*, do mesmo autor, é com ele que se introduz o texto (*Μὴ θαυμάσης, ὦ Φίλιππε*).

<sup>29</sup> «In many languages (...), the second-person plural pronoun of address doubles as an honorific form to singular respected or distant alters» (Brown/Levinson 1987, 107. Ver também *ibidem*, 198).

- uso do vocativo, que surge sobretudo no início dos três livros, ora num tom mais formal, pela utilização da palavra *filius*, ora um tom mais íntimo e afetuosos, pelo uso do possessivo (Garcea 2002, 130-131): *Marce fili* (1.1.1, 2.1.1, 3.1.1), *mi Cicero* (1.1.3, 2.2.8, 3.2.5).

Note-se que o vocativo, para além da ilusão de diálogo, pode ser usado como estratégia de amenização do conteúdo proposicional, induzindo o coenunciador a aceitar os conselhos dados. Neste âmbito, possui várias funções pragmáticas, destacando-se a interpelação do destinatário (chamando a sua atenção), a identificação deste e a manutenção de uma relação social entre interlocutores<sup>30</sup>. Dentro destas funções pragmáticas, é importante ainda destacar que as formas vocativas «open communicative acts and set the tone for the interchanges that follow; they establish, at least initially, the relative power and distance of speaker and hearer» (Wood/Kroger, 1991, 145).

No caso deste tratado, o vocativo identifica não só o destinatário do texto (dada a ausência de fórmulas de identificação inicial), como marca sobretudo a relação familiar afetuosos entre os dois sujeitos, evidenciada pelo uso da palavra *filius* e do possessivo. E estas expressões de afeto são uma estratégia de delicadeza que visa a *captatio benevolentiae*, pois contribuem para demonstrar a atitude positiva do enunciatador em relação ao coenunciador, predispondo este a aceitar favoravelmente os conselhos de um pai que introduz no texto tanto marcas de intimidade (transmitidas pelo uso do possessivo) como uma certa formalidade que indica a sua autoridade paterna (patente logo no início da obra através do vocativo *fili*, que revela a hierarquia familiar)<sup>31</sup>.

Neste âmbito, outras estratégias usadas para captar a benevolência do interlocutor e induzi-lo a uma determinada ação envolvem o uso de elementos linguísticos com força ilocutória diretiva que aumentam ou diminuem a autoridade dos interlocutores. Estas estratégias envolvem manifestações de vontade<sup>32</sup>, cujo valor pode ser expresso, por exemplo, pelo significado de um verbo (como *exopto*, *hortor*, etc.) ou por tempos e modos verbais, como o futuro volitivo, o imperativo ou o conjuntivo. No exórdio do tratado descobrimos os seguintes exemplos:

- verbos com valor exortativo:  
idem tibi censeo faciendum (1.1.1)  
Quam ob rem magnopere te hortor, mi Cicero, ut non solum orationes meas, sed hos etiam de philosophia libros, qui iam illis fere se aequarunt, studiose legas (1.1.3)
- formas de imperativo:  
tantum fac (3.2.6)

<sup>30</sup> Leech 1999, 108; Zwicky 1974, 787; Borràs-Comes *et alii* 2015, 69.

<sup>31</sup> Os vocativos expressam «attitude, politeness, formality, status, intimacy, or a role relationship, and most of them mark the speaker [...] as belonging to a subculture, social class, or geographical dialect» (Zwicky 1974, 795-796).

<sup>32</sup> «Desde el punto de vista retórico, dichas formas tienen una aplicación proemial indudable, en el marco de los recursos afectivos, como medio de atraer la atención del destinatario hacia lo que es importante para el autor, conquistando, si es preciso, la benevolencia de aquél» (Muñoz Martín 1994, 22). Ver ainda Garcea 2002, 129.

- formas de conjuntivo:
  - ut par sis in utriusque orationis facultate (1.1.1)
  - Quam ob rem magnopere te hortor, mi Cicero, (...) *studiose legas* (1.1.3)
  - ut Theophrasti discipulum possis agnoscere (1.1.3)
- formas de futuro (volitivo):
  - Quam ob rem disces tu quidem a principe huius aetatis philosophorum et disces quam diu uoles; tam diu autem uelle debebis, quoad te quantum proficias non paenitebit (1.1.2)
  - orationem autem Latinam efficies profecto legendis nostris plenior (1.1.2)

Para além disto, a autoridade do enunciador é marcada pela presença de verbos de estado mental, através dos quais Cícero reforça a sua opinião pessoal sem que se sinta a imposição da mesma (Muñoz Martín 1994, 24-25; Garcea 2002, 129):

Ecce tibi, si id mihi assumo, uideor id meo iure quodam modo uindi care (1.1.2)  
 Equidem et Platonem existimo si genus forense dicendi tractare uoluisset (1.1.4)  
 eodemque modo de Aristotele et Isocrate iudico (1.1.4)  
 satis explicatum arbitror libro superiore (2.1.1)  
 Sed haec explanata sunt in Academicis nostris satis, ut arbitror, diligenter (2.2.8)  
 tamen conducere arbitror talibus aures tuas uocibus undique circumsonare (3.2.5)  
 tum haud scio an nemini potius quam tibi (3.2.6)

A isto acresce o uso de expressões com valor fático que sustentam o diálogo fictício, ao simular a necessidade de manter abertos os canais de comunicação entre interlocutores. Neste âmbito, utiliza-se a primeira pessoa do plural<sup>33</sup> e expressões declarativas, que envolvem verbos de percepção como *scire*, *audio*, *uideo* ou verbos com valor declarativo, como *dico* ou *loquor* (Muñoz Martín 1994, 17-19, 30):

- primeira pessoa do plural:
  - aut haec ars est aut nulla omnino, per quam eas assequamur (2.2.6)
  - Non enim sumus ii, quorum uagetur animus errore nec habeat umquam quid sequatur (2.2.7)
  - nunc ad reliquam partem propositae diuisionis reuertamur (3.2.6)
- verbos de percepção ou declarativos:
  - Et id quidem nemini uideo Graecorum adhuc contigisse (1.1.3)
  - in quo tum, quaeri dixi, quid utile, quid inutile (2.1.1)

<sup>33</sup> Segundo Garcea, o uso da primeira pessoa do plural tem um valor de inclusão e permite, com outros elementos fáticos, «créer, consolider, souligner la cohésion entre les personnes, afin de combler le vide suscité par l'éloignement des interlocuteurs» (2002, 128). Este valor de inclusão funciona também como uma estratégia de delicadeza, pois permite considerar que existe sintonia entre os sujeitos, induzindo à cooperação: «by using an inclusive 'we', when S means 'you' or 'me', he can call upon the cooperative assumptions» (Brown/Levinson 1987, 127).

Note-se que alguns destes verbos podem ser também usados para introduzir informações desconhecidas ou assinalar o seu desenvolvimento posterior. A isto acresce o uso do sintagma *de* + ablativo, muito utilizado em início de carta para marcar a definição do tema a tratar, o que sucede também neste tratado (Muñoz Martín 1994, 17, 26-27): *De quibus dicere adgrediar, si pauca prius de instituto ac de iudicio meo dixero* (2.1.1)

### 3.2. Corpo do texto

No corpo do texto, há inúmeras ocorrências em que surgem características epistolográficas tipicamente encontradas no exórdio.

Em termos espaciais, a ausência física do coenunciador, assinalada logo no início do tratado pela referência ao afastamento físico entre interlocutores, não está muito presente no corpo do tratado: é marcada no exórdio do livro terceiro, mas em mais nenhum lugar. No entanto, há referências implícitas ao espaço (como se enunciador e coenunciador se encontrassem em presença no momento da enunciação), que se simula como sendo comum, pela utilização de verbos de percepção como *uidere* associados ao coenunciador (Garcea 2002, 130):

Formam quidem ipsam, Marce fili, et tamquam faciem honesti uides (1.5.15)  
 in quibus omnibus quid mihi placeat, uides (2.16.57)  
 ne de me ipso aliquid uiderer queri. Sed tamen uidemus (2.19.67)  
 Videsne hoc prouerbio neque Gygi illi posse ueniam dari neque huic (3.19.78)

Já as referências temporais são retomadas várias vezes no corpo do texto. A este nível, após ter revelado que o afastamento dura há um ano, o orador utiliza o presente verbal para estabelecer como ponto de referência o tempo presente da situação de enunciação:

Formam quidem ipsam, Marce fili, et tamquam faciem honesti uides (1.5.15)  
 Sed potest eadem esse prudentiae definitio (1.40.143)  
 Quamquam intellego in nostra ciuitate inueterasse iam bonis temporibus (2.16.57)  
 Quam ob rem melius apud bonos quam apud fortunatos beneficium collocari puto (2.20.71)  
 Hecatonem quidem Rhodium, discipulum Panaetii, uideo in iis libris (3.15.63)  
 Restat quarta pars, quae decore, moderatione, modestia, continentia, temperantia continetur (3.33.116)

Esta localização no presente da situação enunciativa é feita com recurso, por exemplo, a marcadores temporais como *hoc tempore* (2.4.14) ou *iam* (1.10.33, 1.12.37, 1.40.143, 1.42.150, 1.45.161, 2.8.29, 3.9.9, 3.23.92, 3.32.115). Destaca-se a ocorrência de *nunc* (1.11.35, 1.11.37, 1.40.143, 2.3.9, 2.9.31, 2.10.35, 2.19.65, 2.24.84, 2.24.87, 3.31.111, 3.33.119), partícula típica do corpo de texto das cartas ciceronianas (Muñoz Martín 1994, 40), sobretudo na sua ocorrência em 2.24.87, contexto em que Cícero se dirige diretamente ao coenunciador, localizando-o no presente, pela referência à idade:

Has res commodissime Xenophon Socraticus persecutus est in eo libro, qui Oeconomicus inscribitur, quem nos, ista fere aetate cum essemus, qua es tu nunc, e Graeco in Latinum conuertimus. (2.24.87)

A simulação de um diálogo no presente da situação enunciativa, também típica da abertura das cartas ciceronianas, é conseguida com recurso a estratégias já encontradas no exórdio, como:

- a interpelação direta do coenunciador, usando:
  - a segunda pessoa do pronome pessoal (singular e plural<sup>34</sup>):  
 nec si plus tibi ea noceant (1.10.32),  
 licet enim mihi, M. fili, apud te gloriari (1.22.78),  
 nisi speciem prae te boni uiri feras (2.11.39),  
 qua es tu nunc (2.24.87),  
 sin autem is tu sis (3.6.30),  
 quod tu scias (3.13.57),  
 quam tibi cupio esse notissimam (3.20.81),  
 quemadmodum Peripateticis uestris uidetur (3.3.11),  
 et a Peripateticis uestris (3.4.20);
  - formas do possessivo:  
 tua autem aetas incidit (2.13.45),  
 omittas tuam (1.31.111),  
 utilitatis tuae causa detraxeris (3.6.30),  
 explica atque excute intellegentiam tuam (3.20.81);
  - a segunda pessoa de formas verbais:  
 quibus promiseris inutilia, (...) cui promiseris, (...) ut si constitueris,  
 (...) quod dixeris (1.10.32);  
 quae utenda acceperis (...) si modo possis (1.15.48);  
 si non habeas, si habeas (1.20.68);  
 qua quo in plures usus sis, eo minus in multos uti possis (2.15.52);  
 quod libenter facias, curare ut id diutius facere non possis? (2.15.54);  
 quos inuitus offendas, quacumque possis, quare id, quod feceris, necesse fuerit nec aliter facere potueris (2.19.68);  
 ut mihi concedas si potes (3.7.33),  
 Neque enim id est celare, quicquid reticeas, sed cum, quod tu scias, id ignorare emolumenti tui causa uelis eos (3.13.57);
- o uso do vocativo, seja na forma *Marce fili* (1.5.15, 1.22.78), seja na forma *mi Cicero* (2.13.44, 3.7.33).

Para além destas estratégias, Muñoz Martín (1994: 37-43) refere recursos gramaticais (conjunções, advérbios, construções, etc.) cujo uso constante se deve à ne-

<sup>34</sup> «In many languages (...), the second-person plural pronoun of address doubles as an honorific form to singular respected or distant alters» (Brown/Levinson 1987, 107. Ver também *ibidem*, 198).

cessidade de encadear o texto epistolar e que detêm um papel mais ou menos forte a nível das transições efetuadas, consoante expressam a adição (*ac, atque, et, neque*), oposição (*sed, autem, tamen, uero*), causalidade (*nam, enim, etenim, qua re, quam ob rem*) ou conclusão (*itaque, ergo, igitur*), etc. Note-se, neste âmbito, que Adam (1998, 42-43; 1992; 1996) refere que o desenvolvimento do tema da carta envolve sequências descritivas, narrativas, explicativas/justificativas e argumentativas que se combinam livremente. Tal situação repete-se neste tratado, em que encontramos estas sequências, como sucede em 1.5.15, 1.16.52, 1.20.66, 1.27.93, 1.29.104, 2.6.19, 3.13.57 (sequências descritivas); 1.11.36, 1.13.40, 1.40.144, 2.23.80, 3.20.79, 3.25.95, 3.26.99 (momentos narrativos); 1.27.95, 2.20.71, 3.21.85, 3.28.102 (sequências explicativas) e 1.11.36, 1.14.43, 1.28.99, 1.29.103, 1.30.106, 2.18.63, 2.25.88, 3.25.95 (ocorrências argumentativas).

Neste âmbito, é possível relacionar várias vezes algumas das partículas atrás referidas, como *qua re, quam ob rem, nam* ou *quoniam* (Muñoz Martín 1994, 46), ou outras relacionadas com as sequências descritivas, narrativas, explicativas/justificativas e argumentativas com formas verbais com força ilocutória diretivas que perpassam por todo o corpo de texto e cuja presença é marcada, tal como no exórdio. Contudo, a função destas formas verbais é distinta (Muñoz Martín 1994, 45, n.32): se na abertura elas se destinam à *captatio benevolentiae*, aqui são usadas em petições ou exortações após a exposição e argumentação de um determinado assunto, utilizando-se verbos com valor exortativo, imperativos, conjuntivos, futuro e ainda gerundivos, a perifrástica passiva e outras formas verbais com valor deôntico (como do verbo *posse*):

- verbos com valor exortativo:  
Sed quoniam operi inchoato, prope tamen absoluto, (...) sic ego a te postulo, mi Cicero, ut mihi concedas si potes (3.7.33)  
Quorum quidem testem non mediocrem, sed haud scio an grauissimum Regulum nolite quaeso uituperare (3.29.105)
- formas de imperativo:  
sed fac iuuare (2.20.71)  
Explica atque excute intellegentiam tuam (3.20.81)  
in foro, mihi crede, saltaret (3.19.75)  
fac nihil isto esse iucundius (3.33.117)
- formas de conjuntivo:  
Altera est res, ut cum ita sis affectus animo, ut supra dixi, res geras magnas illas (1.20.66)  
Quam ob rem pergamus ad ea, quae restant (2.13.45)  
Vtendum etiam est excusatione aduersus eos, quos inuitus offendas, quacumque possis (2.19.68)  
Sed quoniam operi inchoato, prope tamen absoluto, (...) sic ego a te postulo, mi Cicero, ut mihi concedas si potes (3.7.33)<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Note-se aqui, ainda, a junção da expressão *si potes* que, segundo Garcea (2002, 129) possui também força ilocutória diretiva.



- formas de futuro (volitivo):  
 Quam ob rem intellegentiae iustitia coniuncta quantum uolet habebit ad faciendam fidem uirium, iustitia sine prudentia multum poterit, sine iustitia nihil ualebit prudentia (2.9.34)  
 Sin hoc non licet per Cratippum, at illud certe dabis, quod honestum sit (3.7.33)
- gerundivo/perifrástica passiva:  
 Quam ob rem et haec uitanda et pecuniae fugienda cupiditas (1.20.68)  
 Qua re expetenda quidem magis est decernendi ratio quam decertandi fortitudo, sed cauendum, ne id bellandi magis fuga quam utilitatis ratione faciamus (1.23.80)  
 Quam ob rem nec ita claudenda res est familiaris (2.15.55)  
 nam ad cuiusque uitam institutam accommodandum est (2.8.30)  
 Sed quoniam paulo ante dictum est imitandos esse maiores, primum illud exceptum sit (1.33.121)  
 Et quoniam officia non eadem disparibus aetatibus tribuuntur (...) aliquid etiam de hac distinctione dicendum est (1.34.122)
- formas verbais com valor deôntico:  
 Nam cum omnis honestas manet a partibus quattuor, (...) haec in deligendo officio saepe inter se comparentur necesse est. (1.43.152)  
 Sed quoniam non numquam hoc subsidium necessarium est (2.6.22)  
 Nam qui e diuisione tripartita duas partes absoluerit, huic necesse est restare tertiam (3.2.9)  
 Quam ob rem de iudicio Panaetii dubitari non potest (3.3.11)

Também nesta secção é possível encontrar marcas da autoridade não impositiva do enunciador, pelo uso verbos de estado mental<sup>36</sup>:

nollem Corinthum, sed credo aliquid secutos, oportunitatem loci maxime (1.11.35)  
 His igitur expositis quale sit id, quod decere dicimus, intellectum puto (1.28.99)  
 Quam ob rem melius apud bonos quam apud fortunatos beneficium collocari puto (2.20.71)  
 Etenim quod summum bonum a Stoicis dicitur, conuenienter naturae uiuere, id habet hanc, ut opinor, sententiam (3.3.13)  
 Itaque existimo Panaetium, cum dixerit homines solere (3.4.18)  
 quoniam quae honesta non sit ne utilem quidem esse arbitror (3.26.97)  
 Quorum quidem testem non mediocrem, sed haud scio an grauissimum Regulum nolite quaeso uituperare (3.29.105)

Por outro lado, é constante o uso da construção *de* + ablativo, que permite introduzir ou concluir os vários temas da obra e que, por essa razão, aparece com frequência ao longo do texto<sup>37</sup>:

<sup>36</sup> Outros exemplos: 1.3.8; 1.15.46; 1.21.71; 2.7.33; 2.24.86; 3.3.15; 3.4.18; 3.10.44; 3.24.93; 3.25.95.

<sup>37</sup> Outros exemplos: 1.3.11; 1.14.42; 1.24.82; 1.26.93; 1.34.122; 1.34.124; 1.40.143; 1.40.143; 1.42.150; 2.9.31; 2.13.46; 2.15.52; 2.21.72; 3.2.7; 3.10.45; 3.25.95.

Omnis de officio duplex est quaestio (1.3.7)

Ac de bellicis quidem officiis satis dictum est. (...) De iustitia satis dictum (1.13.41)

Hoc autem de quo nunc agimus, id ipsum est, quod utile appellatur (2.3.9)

si prius iis de rebus, quae uirtuti propriiores sunt, dixerimus (2.6.22)

Haec enim officia, de quibus his libris disputamus, media Stoici appellant (3.3.14)

Ac de prudentia quidem, (...) itemque de iustitia, (...) disputatum est (3.25.96)

Note-se, neste âmbito, que em muitas das ocorrências referidas é patente o uso de formas verbais com valor declarativo, típicas do corpo das epístolas ciceronianas (Muñoz Martín 1994, 34-37), que, para além de acompanharem a construção *de* + ablativo na introdução de temas, possuem um valor fático (Muñoz Martín 1994, 36), sustentando a simulação de diálogo pela remissão para o que foi dito ou uso da segunda pessoa do plural (envolvendo assim o coenunciador)<sup>38</sup>, como vemos nos seguintes exemplos<sup>39</sup>:

Altera est res, ut cum ita sis affectus animo, ut supra dixi, res geras magnas illas quidem et maxime utiles (1.20.66)

Modus autem est optimus decus ipsum tenere, de quo ante diximus (1.39.141)

Quam ob rem, ut ante dixi, contemnuntur ii (2.10.36)

Loquor autem de communibus amicitiiis (3.10.45)

hunc dico patronum agri Piceni et Sabini (3.28.74)

Tudo isto permite concluir que Cícero, no corpo de texto e através de estratégias reconhecidamente presentes nas suas cartas, sustenta a ilusão do diálogo diferido, própria do texto epistolográfico, mantendo a coerência com a intenção manifestada no exórdio de comunicar à distância com o filho.

### 3.3. Fecho da obra

Olhando para as características epistolográficas do tratado, o último capítulo, 3.33.121, faz claramente parte das sequências fáticas finais de Adam<sup>40</sup>, envolvendo tanto a peroração (em que se recapitula o assunto geral e preparam futuras interações) como o fecho (que, numa missiva, corresponde à fórmula de despedida e assinatura, localizando-se aqui no parágrafo final).

Neste capítulo, evidenciam-se também características do texto epistolográfico ciceroniano, que se ligam, em grande parte, a uma consciência muito clara do contexto de distância entre enunciadorees que rodeia a escrita da obra<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> Segundo Garcea (2002, 128-129), o mesmo acontece com expressões como *mihi crede* ou *ut scis*, que também possuem valor fático: *mihi crede* (3.19.75); *ut scis* (2.14.51).

<sup>39</sup> Ver também: 1.3.8; 1.4.14; 1.27.95; 1.27.95; 1.35.128; 1.40.143; 2.6.22; 2.9.32; 2.10.35; 2.14.49; 3.3.14.

<sup>40</sup> Adam 1992, 154-163. Ver ainda Muñoz Martín 1994, 72-73: «El cierre epistolar cumple invariablemente, según hemos advertido, la función de una *peroratio* retórica por medio de sus elementos propios».

<sup>41</sup> «Epistolary language is preoccupied with immediacy, with presence, because it is a product of absence. Since both the temporal and the spatial hiatus are so much a part of epistolary discourse, the word *present* in the letter is charged with both its temporal and its spatial meanings; it signifies “now” as opposed to the “then” of past and future events or contact, and it means “here” as opposed to the “there” where the addressee always is. The

Em primeiro lugar, é possível notar que o sujeito da situação enunciativa retoma a localização geográfica, identificando não só a localização do coenunciador (*Athenas*), mas também a sua (*patria*), relatando agora o contexto político que o afastou da ida a Atenas, para onde se dirigia e onde o coenunciador se encontra. Assim esclarece a situação que provocou a distância entre ambos e demonstra consciência de que o contexto situacional exige o recurso à comunicação diferida, que propicia o discurso epistolar, referindo a sua voz ‘viajante’ (*profecta vox est mea*) e a necessidade em conversar à distância (*absens loquar*):

Quamquam hi tibi tres libri inter Cratippi commentarios tamquam hospites erunt recipiendi, sed, ut, si ipse uenisset Athenas, quod quidem esset factum, nisi me e medio cursu clara uoce patria reuocasset, aliquando me quoque audires, sic, quoniam his uoluminibus ad te profecta uox est mea, tribues iis temporis, quantum poteris, poteris autem quantum uoles. Cum uero intellexero te hoc scientiae genere gaudere, tum et praesens tecum propediem, ut spero, et dum aberis, absens loquar. (3.33.121)

A estas referências espaciais juntam-se referências temporais, e aqui o enunciador demonstra também consciência de que se encontra numa situação em que a partilha do contexto de enunciação é simulada. De facto, aqui coloca-se no presente da situação enunciativa (olhado como o centro de referência — Altman 1982, 122-127), mas remete para o futuro a receção e estudo do tratado pelo coenunciador (pelo uso de formas verbais no futuro) — *sed perinde erit, ut acceperis. Quamquam hi tibi tres libri inter Cratippi commentarios tamquam hospites erunt recipiendi; (...) tribues iis temporis, quantum poteris, poteris autem quantum uoles* —, demonstrando claramente que, ainda que situe todo o diálogo fictício na situação de enunciação, está consciente do afastamento entre os dois. Esta consciência permite-lhe também referir futuras comunicações entre ambos, elemento epistolográfico também presente nas cartas e que remete para a possibilidade de a comunicação entre os enunciadores se manter indefinidamente<sup>42</sup>.

Note-se que esta localização espaço-temporal surge antes da referência a um desejado encontro futuro (como acontece, tipicamente, nas cartas ciceronianas<sup>43</sup>) e que este último se situa no fim da peroração, assumindo, assim, um lugar de destaque no fim do corpo da mensagem por ser a última observação antes do fecho propriamente dito e ser reforçado por uma expressão de confiança (*ut spero*) também ela típica do fim das cartas de Cícero (Muñoz Martín 1994, 70): *Cum uero intellexero te hoc scientiae genere gaudere, tum et praesens tecum propediem, ut spero, et dum aberis, absens loquar* (3.33.121)

---

letter writer is engaged in the impossible task of making his reader present; the epistolary dialogue attempts to approximate the conversation of the “here” and the “now”. Thus, although the epistolary situation involves a wider hiatus between thought and expression than the oral one, we can note a self-conscious tendency among letter novelists to close this gap» (Altman 1982, 135-136).

<sup>42</sup> «Epistolary endings move between two contradictory possibilities: (1) the potential finality of any letter—given its conventional mechanism for closing, for “signing off”, and (2) the openedness of the form—in which the letter writer is always in dialogue with a possible respondent, and in which any letter appears as part of a potentially ongoing sequence» (Altman 1982, 148). Ver ainda Muñoz Martín 1994, 67.

<sup>43</sup> Con peticiones de visita y cualquier tipo de referencias a un encuentro se relacionan fundamentalmente las determinaciones locales y temporales que encontramos en el cierre del cuerpo, y que se deben a un manifiesto interés por asegurar el futuro contacto físico con el destinatario» (Muñoz Martín 1994, 62).

Para além disto, é possível encontrar, como sucede na restante obra, expressões declarativas, a que se juntam verbos de percepção e de estado mental (Muñoz Martín 1994, 56-58), que possuem uma função de recapitulação, remetendo para a motivação da obra e assuntos tratados. Neste âmbito, Cícero repete, como vimos, a ideia de se fazer ouvir junto do filho no tratado que lhe envia, apesar da distância que os separa:

aliquando me quoque audires, sic, quoniam his uoluminibus ad te profecta uox est mea (...). Cum uero intellexero te hoc scientiae genere gaudere, tum et praesens tecum propediem, ut spero, et dum aberis, absens loquar (3.33.121).

Este tipo de declarações é acompanhado, por norma, por exortações ligadas a fórmulas de cortesia, através das quais o enunciador volta a referir o que pretende do coenunciador (Muñoz Martín 1994, 58-60). Esta estratégia está presente no fecho do tratado de vários modos:

- presença de formas verbais no imperativo, conjuntivo e futuro, como *acceperis, tribues, poteris, aberis, fore, laetabere, intellexero* (futuro); *audires, uoles* (conjuntivo); *persuade* (imperativo);
- uso de expressões vocativas, demonstrando o afeto paternal em relação ao coenunciador, como *Marce fili, mi Cicero*.

Esta interpelação direta do coenunciador, pelo uso do vocativo, é acompanhada por outras estratégias que simulam o diálogo *in praesentia*, como a utilização de formas verbais ou pronominais na segunda pessoa do singular (*audires, tribues, poteris, uoles, aberis, tibi, te, tecum*).

Por fim, junto das fórmulas de encerramento, as cartas ciceronianas apresentam por vezes uma espécie de *post scriptum*, em que o orador acrescenta dados espontaneamente. Este movimento de improvisação liga-se à irreversibilidade da produção oral e é característico das cartas de Cícero (Garcea 2002, 124-125), em que o *post scriptum* é muitas vezes usado pelo enunciador para introduzir algo que não explicitou ao longo da missiva ou quer ainda reforçar (Garcea 2002, 125-126; Violi 1985, 162-163).

Esta mesma situação ocorre neste tratado: após a fórmula de despedida — *Vale* (que Cícero usa na conclusão de algumas cartas<sup>44</sup>) —, o enunciador posiciona-se claramente em relação ao coenunciador (Altman 1982, 146) ao referir diretamente o seu afeto, reforçando o vínculo afetivo entre os dois através das formas adjetivas (intensificadas pelo grau e pelo advérbio *multo*) *carissimum, cariolem*. E associa a isto uma exortação (*tibique persuade*) em que revela, como ainda não fizera, que o aprofundamento do amor paternal é o benefício que o coenunciador terá se levar a sério os conselhos oferecidos.

<sup>44</sup> «Most of Cicero's letters end abruptly, without any closing formula, but he sometimes writes *vale* or, more often, *cura ut valeas*» (Lanham 2004, 69).

#### 4. Conclusão

Perante todos estes dados, entendemos que a obra *De officiis* foi intencionalmente escrita como uma longa carta, ainda que fiquem por analisar alguns dados (como a presença de rasgos linguísticos do *sermo cotidianus* (veja-se, por exemplo, Cic., *Epist.* 9, 21, 1), associado ao género epistolar na Antiguidade).

Tendo isto em perspectiva, ao longo desta investigação procurámos identificar se nela estão presentes marcas típicas do discurso epistolográfico. Para isto, tivemos em linha de conta não só estudos sobre a epistolografia ciceroniana, mas também sobre os procedimentos retórico-discursivos próprios do género epistolar no seu geral.

De acordo com o observado, é possível concluir que Cícero, de facto, elabora o seu texto como uma carta, pois, ainda que não use fórmulas iniciais e finais típicas (se bem que não obrigatórias), estrutura todo o texto de acordo com várias características epistolográficas.

Na realidade, a única coisa que nos impede de olhar o texto como uma missiva é a sua extensão (Gibson/Morrison 2007, 12).

Por um lado, o discurso está estruturado de acordo com a divisão pragmática em cinco partes defendida por Adam para o discurso epistolar. Por outro, o texto revela mecanismos referenciais de pessoa, espaço e tempo típicos do discurso epistolográfico: é dirigido a um interlocutor com quem se partilha um diálogo diferido, próprio da epistolografia, e as marcas temporais e espaciais têm como ponto de referência a situação de enunciação onde ocorre esse diálogo fictício. Para além disto, através do diálogo e do pacto epistolar criado, procura-se influenciar a conduta do coenunciador (e de outros), contando com estratégias de delicadeza passíveis típicas de cartas comuns, que revelam marcas de intimidade e buscam a *captatio benevolentia*. Por fim, usam-se mecanismos linguísticos comumente usados no discurso epistolográfico: formas verbais no presente e marcadores temporais que remetem para a situação de enunciação; pronomes e formas verbais na segunda pessoa que, com o vocativo e elementos fáticos, reforçam o pacto epistolar e a simulação de diálogo, ao remeterem para o coenunciador; elementos linguísticos com força ilocutória diretiva, através dos quais se induz o coenunciador a assumir determinada conduta.

Tendo isto em conta, neste tratado há traços do diálogo *in praesentia* que são recriados ficcionalmente, podendo nós imaginar um interlocutor virtualmente presente com quem se desenvolve uma interação, como é próprio do discurso epistolar. E as suas características apontam para um discurso em que aos mecanismos linguístico-textuais próprios de um tratado filosófico, se aliam outros característicos do género epistolar, criando um texto que, tendo um fundo filosófico-político, facilmente é olhado como uma verdadeira carta.

#### 5. Referências bibliográficas

- Adam, J.M. (1992), *Les textes: types et prototypes*, Paris, Nathan.  
—, (1996), «L'argumentation dans le dialogue», *Langue Française* 112, 31-49.  
—, (1998), «Les genres du discours épistolaire», in Siess, Jürgen (dir.) *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, SEDES, 37-53.  
Altman, J.G. (1982), *Epistolarity: Approaches to a Form*, Ohio, Ohio State University Press.

- Antón, B. (1996), «La epistolografía romana: Cicerón, Séneca y Plinio», *Helmantica* 47 (nº 142-143), 105-148.
- Borràs-Comes *et alii* (2015), «Vocative Intonation Preferences are Sensitive to Politeness Factors», *Language and Speech* 58.1, 68–83.
- Brown, P. e Levinson, S.C. (1987), *Politeness. Some universals in language usage*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Cugusi, P. (1983), *Evoluzione e forme dell'epistolografia latina*. Roma: Herder.
- , (1998), «L'epistola Ciceroniana: Strumento di Comunicazione Quotidiana e Modello Letterario». *Ciceroniana: Rivista di studi ciceroniani* 10, 163-190 [17/03/2017] (<http://www.ojs.unito.it/index.php/COL/article/view/1554>; DOI: 10.13135/2532-5353/1554).
- , (1989), «L'epistolografia: Modelli e tipologie di comunicazione», in Cavallo, G.; Fedeli, P.; Giardina, A. (dir.), *Lo spazio letterario di Roma antica*, II, Roma, Salerno Editrice.
- Dyck, A.R. (1996), *A Commentary on Cicero — De Officiis*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- Garcea, A. (2002), «L'interaction épistolaire entre dialogue *in absentia* et *in praesentia* chez Cicéron», in Bolkestein, A.M. *et alii*, *Theory and description in Latin Linguistics*, Amsterdam, J.C. Gieben, 123-138.
- Gibson, R.K. e Morrison, A.D. (2007), «Introduction: What Is a Letter?», in Morello, R. e Morrison, A.D., *Ancient Letters: Classical and Late Antique Epistolography*, Oxford, Oxford University Press, 1-16.
- Giorgio, J.P. (2015), «Absence et présence dans les lettres d'exil de Cicéron», *Interférences* 8 [17/03/2017] (<http://interferences.revues.org/5468>; DOI: 10.4000/interferences.5468).
- Husband, T.J. (2013), *Cicero and the moral education of youth*, Washington, Georgetown University.
- Kempshall, Matthew (2011), *Rhetoric and the Writing of History, 400-1500*. Manchester/ Nueva York, Manchester University Press.
- Lanham, C. (2004), *Salutatio Formulas in Latin Letters to 1200*. Eugene, Wipf and Stock Publishers.
- Lausberg, H. (2004), *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leech, G. (1999), «The distribution and function of vocatives in American and British English conversation», in H. Hasselgård, & S. Oksefjell (Eds.), *Out of corpora: studies in honour of Stig Johansson*, Amsterdam, Rodopi, 107-118.
- Levinson, S. C. (1983), *Pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Lyons, J. (1977), *Semantics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Miller, W., *Cicero — De Officiis*, Londres, Harvard University Press, 1913.
- Muñoz Martín, M.N. (1994), *Estructura de la carta en Cicerón*, Madrid, Ediciones Clásicas.
- Roberts III, W.M. (2006), *Cicero's Political Imperative*, Berkeley, University of California.
- Scarpato, G. (1987), «L'epistolografia», in Della Corte, F. (ed.) *Introduzione allo studio della cultura classica*. Milán: Marzorati, 473-512.
- Seara, I.R. (2008), «A Palavra Nómada», *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, Lisboa, Edições Colibri/CLUNL, 121-144.
- Sykutris, J. (1931), «Epistolographie», *RE*, Supp. V, Stuttgart, 186-220.
- Testard, M. (1974), *Cicéron - Les Devoirs I*, Paris, Les Belles Lettres.
- Trapp, M. (2003), *Greek and Latin Letters: An Anthology with Translation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Violi, P. (1985), «Letters», in van Dijk, T. A. (ed.), *Discourse and Literature*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing, 149-167.
- Walsh, P. G. (2000), *Cicero - On Obligations*, Oxford, Oxford University Press.



- Wood, L.A.; Kroger, R.O. (1991), «Politeness and Forms of Address», *Journal of Language and Social Psychology* 10.3, 145-168.
- Zwicky, A. (1974), «Hey, what's your name!», *Chicago Linguistics Society (CLS)* 10, 787-801.